

# A CRIANÇA E SEU UNIVERSO INTERPESSOAL NA OBRA “O MEU PÉ DE LARANJA LIMA” DE JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

Wallas Matos de Sousa<sup>1</sup>, Maria Edinete Tomás<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA ; <sup>2</sup> Coordenadora do Projeto de Pesquisa **Infância: Representações Interculturais em Narrativas Literárias Contemporâneas** – UVA (Orientadora)

## RESUMO

Este estudo investiga as representações de infância na literatura brasileira, com foco em um dos romances de José Mauro de Vasconcelos: **O meu pé de laranja lima**. Rastreia as representações de infância pelo viés das relações interpessoais de um protagonista criança. Apoia-se em pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** Infância. Representação. **O meu pé de laranja lima**.

## INTRODUÇÃO

A infância é uma concepção social, cuja representação varia no tempo e no espaço. A literatura, ao inspirar-se na realidade, tende a veicular tais concepções e identificá-las amplia as possibilidades de leitura da obra literária. Nessa perspectiva, o presente estudo objetivou analisar o universo interpessoal infantil na obra literária em foco, para, através dele, discutir representações de infância.

O trabalho apoiou-se no pensamento de autores, dentre os quais figuram Ariès (1981), Bettelheim (2007), Corso e Corso (2006).

## MATERIAIS E MÉTODO

Estudo analítico, baseado em pesquisa bibliográfica, desenvolvida em duas direções básicas: uma histórica, na qual se rastreou as concepções de infância enquanto produto social; outra, psicanalítica, como possibilidade de explicação do universo interior da criança. Com base em tal direcionamento, definiu-se as relações interpessoais da criança como espaço de investigação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O enredo do romance **O meu pé de laranja lima** desenvolve-se a partir das memórias de um narrador autodiegético, já adulto. Recapitulando sua vida, esse narrador percebe-se aos cinco anos de idade, filho de uma família pobre, vivendo na periferia carioca dos anos 20, então chamado Zezé. É no cotidiano das transgressões, interditos e

desejos rasurados pelas aventuras desse pequeno na família, na escola, entre os pares e com o adulto que se pode capturar uma compreensão da infância similar à apontada por Silva (2009, p.61):

A convivência com o outro, assim como com todos os outros que formam o corpo familiar e social, está longe da harmonia e da idealização sonhadas. A vida é toda regulada por imposições, restrições e limites. Com eles, apresentam-se o seu reverso e o seu preço – a transgressão, acompanhada ou não da culpa – e o castigo.

A vida de Zezé não é fácil, nem mesmo no seio familiar, onde cada membro parece imerso em seus problemas, via de regra, envolvendo a figura do outro. No caso dos conflitos infantis, é comum serem eles resultado do domínio do adulto, configurado na sociedade burguesa do século XVIII, com a “invenção moderna da infância”. Então, a criança é vista como ser frágil e dependente do adulto até alcançar a maturidade (ARIÈS, 1981). Ao contrário dessas imagens dominantes, a partir do século XX, surgem novas interlocuções conceituais e a criança passa a ser percebida como sujeito que se constrói na relação com outro mediada pela linguagem:

Assim, é a criança-sujeito, autora da sua palavra, que nos mostra os espaços sociais a partir dos quais emerge sua voz, seu desejo. Aqui, não é mais o adulto que fala por ela, determinando de fora, a partir de suas necessidades subjetivas, a importância dos diferentes lugares sociais em que a criança está inserida. Mas, ao interagir com a criança, ambos constroem uma compreensão mais abrangente do que significa existir socialmente em um contexto marcado por profundas contradições econômicas, sociais e culturais (JOBIM e SOUSA, 1994, p.25).

Na obra literária em análise, uma das particularidades da narrativa reside na representação da infância aferível no contexto familiar, escolar e relacional da criança, que se revelam na fronteira dos ideais da modernidade. Nesse cenário, figuram as transformações sociais e as modificações da estrutura familiar que dispõem à separação da mãe, o desemprego do pai e a escolarização da criança promovendo o conflitos de Zezé e sua incansável busca de superação. Em tais ocasiões se percebe um olhar sutil na descrição de uma criança-sujeito que é capaz de reinventar, criar a partir das relações sociais, abdicando do que se conjecturou como ingênuo e incapaz na concepção burguesa de infância.

Nesse âmbito, a observação dos fatos corriqueiros da vida familiar tornava Zezé precoce, assim como sua curiosidade para descobrir e aprender as coisas do mundo. O fato dele, Zezé, aprender a ler antes mesmo de entrar na escola mostra sua busca de

autonomia e a incredulidade dos adultos frente à capacidade da criança de aprender por si mesma. O precoce é entendido como “[...] das coisas que aconteciam muito antes das outras coisas acontecerem” (VASCONCELOS, 1968, p. 108-109).

Ao ouvir Zezé lendo pela primeira vez, sua avó comenta que o mundo estava perdido. Também nenhum dos irmãos acreditou na possibilidade da criança aprender a ler sozinha. “— Você sabe ler Zezé? Que história é essa? Quem foi que lhe ensinou?” e “— Ninguém pode ler sem ter aprendido. Foi Tio Edmundo? Dindinha?” (VASCONCELOS, 1968, p. 19 - 20). O ato de ler colocava a criança em contato com outras informações do seu cotidiano, inclusive sua inserção na escola, o que, para o adulto, implicava no reconhecimento dessa criança enquanto sujeito social, pois a leitura permitia uma certa proximidade da racionalidade para se compreender a vida adulta – “[...] a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis [...] a plena realidade do ser” (COELHO, 2000, p. 16).

Com isso, o conflito entre o que se dizia mundo infantil e mundo adulto era uma constante preocupação da criança em ser “gente grande”. O desejo de ser homem e a necessidade de crescer advinham da falta de credibilidade com que Zezé era tratado pelos familiares. “Quando for um homem [...]” (VASCONCELOS, 1968, p.38). Crescer significa para Zezé um reconhecimento do outro, pois ser “pequeno” era sinônimo de sofrimento e exclusão. Corso e Corso (2006), ao falarem sobre as dificuldades de crescer na infância, mostram as ambiguidades existentes entre as categorias substantivas da criança e do adulto, mensurados pelos valores sociais vinculados à maturação física sendo, por isso, atribuídos lugares e identidades aos sujeitos no mundo. Para os autores, crescer é perder o paraíso da fantasia, a riqueza da imaginação enquanto acessar a vida adulta significa assumir responsabilidade, as “chatices da vida”:

Crescer enquanto um problema é essencialmente um tema moderno. As sociedades tradicionais tinham pautas de crescimento bem-definidas, ou ainda rituais que marcavam a passagem do tempo, pelos quais o grupo social regulava a sucessão das etapas da vida, sem margem de negociação. Com a modernidade o crescimento passou a ser compreendido como uma maturação psicológica, cujos indicadores são meramente subjetivos, já que o corpo e a idade não necessariamente definem a etapa da vida em que se está (CORSO E CORSO, 2006, p.229).

A capacidade de indagação sobre as questões da vida feita pelo menino protagonista aos familiares, muitas vezes sucedidas de um “vá brincar” ou “você é muito pequeno para saber dessas coisas”. Os “porquês” inquiridores e mesmo ingênuos de Zezé soam como uma necessidade de apreensão do mundo ao seu redor. As respostas apresentadas pelo tio nem sempre satisfaziam a curiosidade da criança que, desiludida,

procurava outras saídas para seu desconforto no seu universo imaginário.

A representação da infância, geralmente, é associada à fantasia e à imaginação que imprimem ao brincar, o jogo e as brincadeiras uma capacidade imaginativa de reinvenção da realidade e de escape aos sofrimentos e conflitos psíquicos da criança. Bettelheim (2007) fala sobre os processos interiores da criança na travessia da fantasia que são profundamente marcados pela busca de significar os dilemas existenciais como o crescimento, a separação dos pais e o medo da morte. A fuga da realidade encontrada nas brincadeiras e diálogos com o pé de laranja lima, o Minguinho ou Xururuca, como Zezé afetuosamente o chamava, leva o menino a aliviar suas dores e sofrimentos, tendo em vista a realidade dura e incompreensível na qual estava submetido.

Um *amigo imaginário* que permitia à criança dizer e pensar coisas que a incomodavam e que não eram possíveis compartilhar com os adultos. A árvore falante e a criança podem ser pensadas como faces da mesma moeda, onde a própria personalidade do pequeno desempenha o papel de *alter ego*, uma extensão imaginária da própria criança (CORSO e CORSO, 2006).

Nas brincadeiras com o Minguinho, Zezé podia habitar os profundos recônditos de sua alma, ouvir-se: “escutei uma vozinha vindo de dentro” (VASCONCELOS, 1968, p. 33). Assim o eu do menino encontrava refúgio para seus conflitos interiores perante os desconfortos e incertezas dos possíveis lugares a habitar no mundo dos adultos, que segundo Silva (2009, p. 57), implica de um processo de aprender a conviver com os desafetos: “O duplo pode constituir uma projeção da criança aprendendo a conviver com suas inclinações conflitantes e com suas carências afetivas. É o conhecido ‘amigo imaginário’, que se faz companheiro e confidente da criança durante o processo psicológico”.

O personagem Zezé para alcançar a “idade da razão” ou a maturidade psicológica precisou vivenciar o luto e a perda. Ou seja, a perda da infância, do amigo imaginário e do adulto, enfim, a perda de si. Agora, ele sabia que na vida tudo passa, e que “o minguinho era uma velha árvore de raízes escuras”, sendo o corte da laranjeira uma perda do paraíso idealizado chamado infância.

Na obra em foco, a clarividência da vida interior da criança salta aos olhos. O universo imaginário, a personificação da árvore, colocam-se como um jogo simbólico de reconstrução da realidade que foge à lógica tão perseguida pela criança que deseja alcançar a “idade da razão”. Quando comumente se fala em fantasia logo remete-se ao conotativo de falta de maturidade psicológica e pensamento racional, o que pode ser evidenciado na relação do menino com a laranjeira é a necessidade de elaboração das

impressões dos acontecimentos e fatos observados que possuem elementos angustiantes e que por falta de informação, a criança não consiga ordená-las recorrendo assim à fantasia, que, segundo Bettelheim (2007), corresponde a uma estratégia inerente à infância.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado possibilitou identificar-se dois modos de representação da criança na condução da trama narrativa do romance **O meu pé de laranja lima**. O primeiro modo aferiu-se pela percepção do outro em relação à criança protagonista, especialmente de seus familiares, que viam a infância sob o prisma da ingenuidade e da dependência dela ao adulto. Por outro lado, a atitude da criança protagonista na busca de compreender a vida a partir de seu relacionamento com aqueles que a cercam, os recursos e estratégias que cria para atingir seus fins, revelam uma concepção de infância diferenciada. Nesta, a criança é ativa e protagonista de seu destino; reflete sobre os próprios conflitos e age na busca de superá-los.

A primeira concepção de infância aproxima-se da vigente nos séculos XVIII e XIX, enquanto a segunda assemelha-se à percepção de infância que começa a se delinear no século XX.

### AGRADECIMENTOS

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora S.A. ,1981.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**.1. Ed.- São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein e CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

JOBIM e SOUSA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. – Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

SILVA, Vera Maria Tieztmann. O universo e o local: raízes e frondes do imaginário infantil. In: \_\_\_\_\_. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. Ed. Goiânia: Cãnone editorial, 2009, pp. 53-67.

VASCONCELOS, José Mauro de. **O meu pé de laranja lima**. 74<sup>o</sup> ed. – São Paulo: